



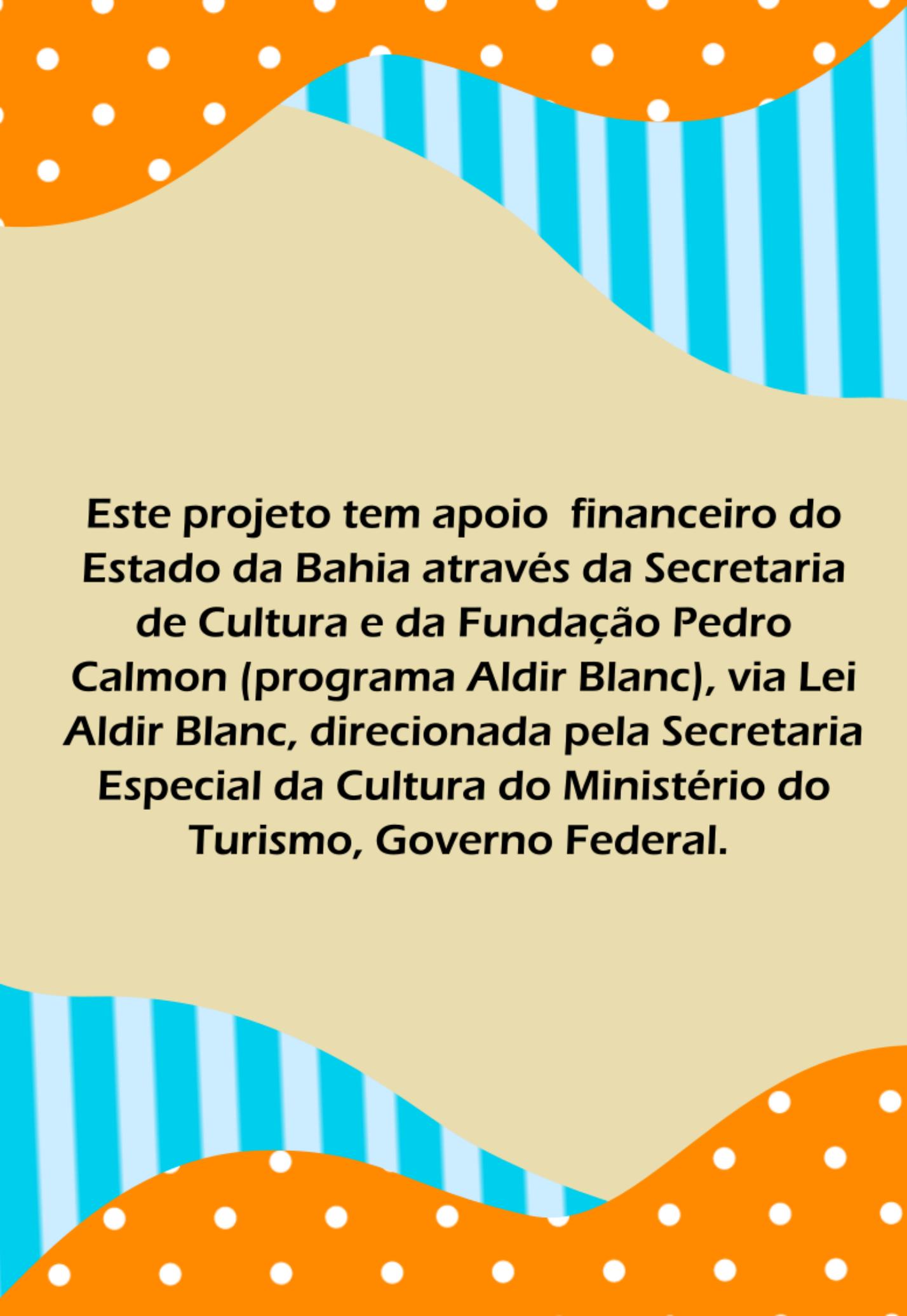
PRA LÁ E PRA CÁ

CORDÊIS FABULOSOS

FÁBULAS E CONTOS
POPULARES EM CORDEL

SEU JILÓ E AS
HISTÓRIAS PERDIDAS
NO TEMPO

OSMAR TOLSTÓI
2021



Este projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (programa Aldir Blanc), via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.



Faço dessa trova forte
De humilde sabedoria,
A fala do povo pobre
Com tristeza e alegria
Como dura é nossa vida
O seu eterno dia-a-dia.

Pra se forjar boa história
De beleza se precisa,
Uma ideia vigorosa
Que sempre se atualiza,
Em suma: bem dentro d'alma
Naturalmente realiza.

O meu pai que foi feirante
Quando eu inda era criança,
Contou-me este belo caso
De grande perseverança,
A prova cabal que homem
Mesmo vencido não cansa.

Passou com um tal Jiló,
Um vendedor aristoso,
Sujeito bem criativo,
A distância até vistoso,
No entanto muito avarento



Juntando essas qualidades
O sujeito se dá mal,
Aqui não foi diferente
Como de lei é geral.
Ele era um bom vendedor
Mas não tinha capital.

Pois quando a pessoa é pobre
Não aprende a ser burguês
Nem faz uso de poupança,
Não se faz mais validez
E Seu Jiló só malmente
Cultivava o seu freguês.

Tinha com ele uma porca
Na qual guardava dinheiro,
O país em inflação
Despencou todo cruzeiro
O coitado do Jiló
Falido, ficou banzeiro.

Deu pra frequentar Seu Bimba
No Santeiro Dona Jura,
Ficou até sem suas botas,
O corpo numa secura,
O coitado do Seu Jiló
Sofria duma amargura.



Num dia de bebedeira
Teve uma visão do além,
Sonhou que lá na Bahia,
Na cidade de Itanhém,
Tinha um baú muito antigo
Que tal tesouro contém.

Ele acordou atordoado,
Espantado com seu sonho,
Então disse: - Ô meu Deus
Que situação me ponho,
Se eu continuar assim
O meu fim será medonho.

Foi para casa correndo
Contar pra mulher e filhos
Que ia na busca dum sonho
E já sabia qual seu trilho,
Que fome não passasse,
Tinha arroz, feijão e milho.

A mulher chorou e muito
Pro marido disse: - Bem,
Acredito no que fala
E no seu sonho também,
Mas cuidado na estrada
Quando for para Itanhém



Lavou seu alforje surrado,
Sandália de verdureiro,
A melhor roupa de saco,
Saindo de aventureiro;
A procura de carona
Pegou com um caminhoneiro.

Próximo lá de Itanhém
Ele agradeceu a carona,
Andando algumas léguas
Até a casa de uma dona,
Onde chegou uma criança
Fazendo ali maior zona.

Era Pedro Malazarte,
Uma criança ladina,
Vivia de palhaçadas
E tinha língua ferina,
Trapaceava todo mundo,
Verminar foi sua sina.

Vendo Jiló, Pedro disse:
- O inferno abriu sua porta!
Jiló respondeu: - Menino,
Tens a língua muito torta!
E disse: - Onde por aqui
Se encontra uma enorme horta?



O apontou com seu dedo
Para o caminho contrário,
E ainda disse: - Coitado,
Que sujeito mais otário;
Seu Jiló agradeceu a Pedro
E seguiu seu itinerário.

Foi na busca do tesouro
Com toda graça e alegria,
Pulava igual a menino,
Parecia o melhor dia,
Não sabia o que esperava,
Tem dia e tem noite fria.

Pois a noite caiu fria,
Ele acendeu uma fogueira,
Daí assou algumas batatas,
Pensou em muita besteira
Que já fez na sua vida
Até que veio a soneira.

E dormiu o sono dos justos,
Acordou na bela aurora,
Pra continuar a andança
Já não esperava a hora
De encontrar o seu tesouro
E de ir para casa embora.



Sete dias se passaram,
Acabou toda comida,
Sua roupa mal lavada
Já fedia de encardida,
Parou e pensou assim consigo:
“Mais que desgraça de vida”.

Então começou a vertigem,
E veio a alucinação,
Era o boi de sete chifres
Ao ver o boi esperou ação,
Este o atacou mandingueiro
Deixando-o com calça a mão.

Logo depois viu a Caipora
Feia e com seus pés virados,
A belíssima Teodora
Bem sábia e com seus ditados,
Depois desmaiou de tontos
Quando acordou sob uns brados.

Era o tihoso João Grilo
Que veio para acordá-lo,
Dizendo-lhe: - Ômi oxente
Cê tá é branco inté o talo!
Quando ele viu o tal de Grilo
Seu esqueleto teve abalo.

Jiló disse: - Ô meu Deus,
É outra alucinação,
Você não é o João Grilo
Do cordel televisão
João disse: - Tá malucando
Não sou de mentira não.

Jiló beliscou João
Só assim viu que era verdade,
Era gente de carne e osso
Ele tinha alma e idade,
Daí, ficou mais tranquilo
Não era uma divindade.

Grilo disse: - Deus menino
E Senhô que é que cê faz?
Jiló disse: - Eu estou andando
E dum tesouro vim atrás,
Mas estou é desistindo,
Acho que não sou capaz.

Respondeu Grilo: - Rapaz,
Já vi tudo nesse mundo,
Respondi foi é pergunta
Do Rei lá do Mar-do-Fundo,
Se tu dividir meio a meio
Com tal pobre viramundo.



O João Grilo astucioso
Não se demorou a procura,
Logo chegou a dita horta,
Para o santo fez a jura,
Encontrou o velho baú
Disse: - Vixe! Que secura!!!

É que dentro do baú
Só tinha muito papel,
Dinheiro nele não tinha
Só um tanto de cordel,
Dividiram como o trato,
Inda disse: Pió é fel!

Jiló voltou para casa,
Tampouco ficou tristonho,
Foi lendo muitas histórias
Parecidas com seu sonho,
Comprou viola e sanfona,
Disse: - Cordel eu componho!

E largou a venda na feira
Foi lá mesmo cordelista,
Deixou de ser avarento
Como deve ser o artista
Teve até uns dias de fome
Pra findar mais realista.



PRA LÁ E PRA CÁ

RECITAIS
MOSTRAS
ENCOMENDAS
OFICINAS

PALESTRAS
ESPETÁCULOS
CURSOS ONLINE
SHOWS

CONTATOS

EMAIL: PRALAEPRACA.ARTE@GMAIL.COM

SITE: PRALAEPRACA.COM

INSTAGRAM: [@PRALAEPRACA.ARTE](https://www.instagram.com/PRALAEPRACA.ARTE)

APOIO FINANCEIRO:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

